

## TRADUÇÃO: TRANSLUCIFERAÇÃO X TRANSPARADISAÇÃO

**Maria Célia Martirani**

Redimir na própria língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativeiro da obra por meio da recriação - essa é a tarefa do tradutor

*W. Benjamin*

A tradução literária, que cada vez mais toma corpo no mercado editorial brasileiro, continua a ser tema dos mais interessantes e polêmicos. No que concerne à difícil arte de traduzir, há quem compartilhe, por exemplo, do que postularam Emil Staiger ou Paul Valéry, que percebiam na tradução, sobretudo de poesia, uma atividade redutora, na medida em que o texto original estaria submetido às limitações da língua para a qual seria traduzido.

Por outro lado, há quem assuma o posicionamento crítico dos irmãos Campos, que demonstraram não ser possível dissociar a tradução da criação, pois o tradutor é um recriador, que trai a letra do texto estrangeiro e faz prevalecer o seu espírito, a sua tonalidade. Ou, como diria Ezra Pound: *Make it New* (*Transforme-o em novo*).

De fato, ao tratar do tema, Haroldo de Campos acaba por considerar a tradução como uma *empresa satânica* (termo cunhado por Jacques Derrida), já que ela se deslocaria do texto original com o intuito de lhe oferecer nutrimento.

Os termos que dão título ao presente artigo: *transluciferação*, *transparadisação*, foram, propositalmente, extraídos das reflexões daquele eminente tradutor no ensaio *Transluciferação mefistofáustica* (Campos, 1981:179-209). Nesse texto, o autor propõe uma leitura crítica dos postulados de Benjamin, para quem a

tradução teria uma “função angelical, já que a ela caberia redimir na própria língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação” (Benjamin, 2001:211). Afirma Campos que a tradução teria um caráter *luciferino* (e não angelical ou paradisiaco), pois se recusaria a servir de forma submissa a um conteúdo pré-estabelecido.

Optamos por enfatizar os termos criados pelo autor, pois concordamos com Antonio Candido, ao elogiar a atividade criativa dos irmãos Campos como sendo fundamental, na medida em que retira a figura do tradutor da função de transportador de conteúdo de uma língua para outra, oferecendo-lhe o estatuto de co-autor do texto estrangeiro (Candido, 1989:151).

No que toca à Literatura Italiana, o grande escritor Italo Calvino contribuiu fundamentalmente para o tema, com o ensaio *Tradurre è il vero modo di leggere un testo*, afirmando que “traduzir é a verdadeira maneira de ler um texto” (Calvino, 2002).

Seja como *transluciferação* ou como *transparadisação*, diante de tema tão vasto e complexo, achamos por bem ver o que pensam a respeito alguns renomados tradutores brasileiros, que vêm traduzindo diversos autores de Língua Italiana para o Português. Muitas das questões aqui propostas para debate, se não elucidadas completamente, aguçam, para dizer o mínimo, a curiosidade de quem queira se aventurar nessa difícil travessia.

***Calvino afirma que o tradutor literário é aquele que coloca a si mesmo na difícil arte de traduzir o intraduzível. Como você concebe o “ser tradutor”?***

#### **Maurício Santana Dias:**

Sempre achei que o tradutor se situa numa zona fronteira entre o artista e o artesão, o criador e o técnico. Isso porque, de fato, a tradução - sobretudo a poética - implica um intenso trabalho de criação na língua de chegada; mas, por outro lado, o tradutor cria a partir de uma “pauta”, uma partitura, e para ler essa partitura e executá-la em outra língua, ele deve dominar uma série de técnicas e de procedimentos que não fazem parte do repertório dos leitores em geral: são específicas de seu ofício.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

O que posso é falar de minha experiência, bastante restrita, sem pretender entrar em conceituações gerais. Ser tradutor, para mim, tem sido procurar transmitir a outros a beleza de alguns textos literários. Por outras palavras, ser tradutor, para mim, está estreitamente unido a ser professor e a ser apreciador de literatura.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

É, por um lado, o sacrifício aos modos do original, por outro o desafio da transcrição.

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Diante da afirmação do grande Calvino, arrisco uma humilde contestação: o “intraduzível” é hipotético e passageiro: quando leio uma obra para traduzi-la lembro-me sempre do que, pessoalmente, me disse o incrível Dario Fo, nos encontros que tivemos, por ocasião de sua vinda a São Paulo com Franca Rami: “Vilma, nada existe numa língua que não possa ser traduzido para outra, principalmente quando se trata de uma obra de arte”. Eis uma das minhas “lições de vida”: ser tradutor é o ser privilegiado que tem a “ousadia santa” de transmitir a “graça” de ouvir aquela voz universal que as experiências alheias têm a nos oferecer: está no “dicionário universal” dos seres humanos.

**Roberta Barni:**

É curioso você começar mencionando Calvino, um autor italiano que os leitores brasileiros amam e que eu posso afirmar ‘conhecer intimamente’, pois já trabalhei na tradução de vários livros dele. Veja, usei a palavra ‘intimamente’ de propósito, pensando numa definição de tradução dada, certa vez, por Antonio Tabucchi, outro autor italiano contemporâneo. Tabucchi, que sabe bem o que significa traduzir – além de escritor, ele próprio é tradutor, e o grande responsável pela divulgação da obra de Fernando Pessoa na Itália – durante uma entrevista nas vestes de tradutor deu uma definição do traduzir, de uma ironia e ao mesmo tempo, de uma seriedade incrível, dizendo que traduzir significa essencialmente pegar o autor de surpresa, apanhá-lo desprevenido, de pijama, porque é precisamente visitá-lo em suas fraquezas, e em suas virtudes, em sua intimidade. Ser tradutor é um pouco isso. Mas não

TRADTERM, **15**, 2009, p. 197-219

é só isso: voltando a Italo Calvino, por exemplo, ele mostra uma grande sensibilidade para com a tradução (e talvez o fato de ele próprio ter sido editor e, além disso, casado com uma tradutora tenha aguçado sua atenção para o fenômeno). Em certa ocasião, Calvino afirmou que “traduzir é a verdadeira maneira de ler um texto”. Ser tradutor é isso, é ler em profundidade, é realizar uma leitura crítica, é assumir a responsabilidade por essa leitura. Veja, Calvino é um escritor aparentemente fácil, claro, transparente, parcimonioso. Mas quando você vai traduzi-lo, percebe que por baixo dessa facilidade, clareza, transparência e parcimônia há um mundo de trabalho: na verdade, a frase de Calvino é burilada, pensada, pesada, medida, esquadrinhada em cada detalhe. Um universo inteiro ficou fora daquela frase, mas se você o ler em profundidade, percebe aquele universo todo respirando ali. Traduzir Calvino é algo que apresenta uma dificuldade ímpar, mas essa dificuldade não se nota na superfície. Outro modo interessante de ver a tradução é como Primo Levi encara esse ofício. Se pensarmos na experiência pessoal de Levi, bem, ouvir esse homem definir a tradução como “um ato de civilização e paz” há de provocar nossa reflexão. E provoca a minha reflexão toda vez que eu tento essa empreitada. Gosto de pensar a tradução nesses termos, numa obra de civilização e paz, gosto de pensar que cada tradução é um pequeno grão de areia nessa direção. A civilização, a paz, elas passam necessariamente pelo reconhecimento de uma *diferença* (acolher não é reduzir o outro a mim!) de uma alteridade, pela tomada de consciência de uma distância, da irredutibilidade em mim do outro; portanto traduzir para mim é, em primeiro lugar, o reconhecimento de uma diferença. Não fusão, não confusão. Não mediunidade. Mas recepção, acolhida, para que outras pessoas possam também conhecer essa diferença, reconhecê-la e, quem sabe, amá-la como eu. Valéry dizia que as línguas tendem a se amar. Um colega italiano completou a frase brilhantemente, comparando a tradução a um ato de amor, e afirmando que, como no amor, o que nos atrai é desconhecido, é o mistério do outro, e que o que um tradutor não deve perder de vista é justamente esse mistério. Completaria dizendo que tradução (e leitura) é um caminho sempre em movimento, sempre a ser conquistado, é preciso manter-se o tempo todo um olhar “jovem”, um olhar disposto a se deixar surpreender, curioso a ponto de nunca pensar que já sabe. Em

minha experiência pessoal, nada pode ser mais deletério em tradução do que partir de uma certeza. É quase sempre fatal: perderemos algum elemento essencial da voz do autor. E para ouvir a voz do outro, para traduzir, precisamos ficar em silêncio.

***Para Calvino, a Língua Italiana é muito difícil de ser traduzida, porque os escritores italianos têm um problema com a própria língua. Ele afirma que o escritor italiano vive sempre ou quase sempre em um estado de neurose linguística, porque deve inventar a linguagem em que escreve, antes de inventar as coisas sobre as quais escreve. Que tipo de dificuldades, tão peculiares a quem traduz, especificamente, textos de Língua Italiana, você apontaria?***

**Maurício Santana Dias:**

Sendo o italiano uma língua neolatina e, portanto, próxima ao português, a principal dificuldade está em manter a devida distância entre a língua fonte e a língua alvo. O tradutor de russo ou de árabe para o português enfrentará dificuldades de outro tipo, evidentemente. No nosso caso, é muito comum o tradutor de italiano deixar-se levar por construções sintáticas, expressões idiomáticas, vocábulos etc. que são próprios da língua italiana, mas que soam estranhíssimos, se traduzidos “diretamente” para o português (Calvino dizia que mais difícil ainda era traduzir do italiano para o espanhol, operação em que a proximidade entre as línguas seria ainda maior). Todo trabalho de tradução é complexo, porque lida com séries linguísticas, culturais e históricas diversas. E praticamente cada texto demanda um saber específico. É muito diferente traduzir um texto do século XX ou do século XVIII, um texto com marcas dialetais (do siciliano, suponhamos) ou mais próximo da língua *standard*, um texto científico ou um texto literário.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

A observação de Calvino refere-se principalmente aos escritores contemporâneos e a questões como a do experimentalismo, que seria longo discutir agora. Mas essa reflexão pouco ou nada se aplica à tradução de Ariosto, o clássico ao qual venho me dedicando prioritariamente. Os poetas do Renascimento italiano

TRADTERM, 15, 2009, p. 197-219

encontraram uma língua perfeitamente padronizada e formalizada, na esteira de Dante e, principalmente, da lírica de Petrarca. Já se disse, com razão, que Ariosto soube “petrarquizar” a matéria de cavalaria, expressando-a em língua musical, refinadíssima. Nessa convivência de “loucura” e “razão” está uma das belezas inigualáveis do *Orlando Furioso*, mas, ao mesmo tempo, uma das principais dificuldades de sua tradução.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

O importante é o tom que se dá à tradução do italiano. Certos jogos estilísticos (os dos dialetos, por exemplo) são intransponíveis. Mas o tom é o termômetro. Cuidado com a galhofa e o macarrônico que, muitas vezes, tentam traduzir o espirituoso italiano.

**Vilma de Katinszky Barreto de Souza:**

Não ousa contestar o que disse Calvino, pois se trata de uma generalização que só ele pode fazer, com profundo conhecimento de causa, dentro do Italiano, que é a maior cultura europeia, senão mundial; ele nos coloca o problema original de “inventar a língua” antes de inventar o “mundo pessoal”. Para nós, o tradutor tem de enfrentar os momentos diferentes de cada época histórica da cultura da Itália e nela “estudar” a língua e o estilo do escritor, “aprender” o que cada escritor tem de original, “entusiasmar-se” e trazê-lo para a nossa língua.

**Roberta Barni:**

Eu colocaria a coisa de forma diferente. Seja lá como for, quando falamos de literatura, de criação literária, a dificuldade existe, creio, de todo modo, mesmo que a língua italiana não tivesse essa tradição um tanto “esquizofrênica” de separação entre a língua “alta” da literatura e a língua da expressão comum. Mas essa dificuldade nasceu, na Itália, junto com a literatura, e de algum modo continua até hoje. Cada escritor vai utilizar a língua a seu modo, buscando burilar com ela, alcançar a máxima expressão na maior concentração possível. Ora, a dificuldade a que Calvino se refere, em minha opinião, é a dificuldade do escritor. Mas o tradutor, ele tem essa dificuldade diante de qualquer autor que ele vá traduzir. (Muito embora, ao falarmos especificamente de Calvino, essa sua tensão e atenção sejam evidentes: só que Calvino é tão

preciso, é tão meticoloso, que quando ele “inventa” a língua o faz de forma tão clara que se percebe o como e o porquê, pois esses motivos se tornam traços expressivos). Problema sério existe quando, no texto, está presente algum dialeto, por exemplo, ou mesmo algum ‘jargão’ dialetal.

Penso que um dos problemas ao se trabalhar com a língua italiana, ao menos aqui no Brasil e mais especificamente em São Paulo, seja também outro, isto é, essa falsa ideia, um tanto afetiva, que há no leitor brasileiro, ou talvez devesse dizer no leitor paulistano, de que ele entende italiano. Essa aparente proximidade é fonte de armadilhas e de enganos; todos se sentem meio donos da língua italiana, e na hora de enfrentar uma produção editorial, em todas as suas fases, por exemplo, isso tende a criar problemas que inexistem quando lidamos com uma língua como o alemão. Que ninguém em sã consciência vai achar que está entendendo alemão por ‘osmose’, não? Indubitavelmente, há semelhanças entre o italiano e o português, uma proximidade originária até excessiva, o que tende a gerar equívocos. Por isso, diria que a aparente semelhança exige atenção redobrada.

***Como se coloca o tradutor de Literatura Italiana no contexto geral da tradução literária, no Brasil, hoje?***

**Maurício Santana Dias:**

Acho que a literatura italiana, especialmente a do século XX, tem escritores excelentes. O repertório é muito vasto. Portanto, não faltam boas obras a serem traduzidas. E os editores percebem isso, tanto é que o número relativo de traduções do italiano tem aumentado. Hoje há até uma coleção dedicada exclusivamente à literatura italiana (*Letras Italianas*, da editora Berlendis & Vertecchia). Mas é claro que, sendo o inglês a língua hegemônica de hoje, a grande massa de traduções publicadas no Brasil se concentra nela.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Ainda uma vez falo da minha experiência restrita, pois não sei que espaço tem sido reservado aos demais tradutores de Literatura Italiana. Quanto a mim, só posso dizer que recebi, com surpresa e gratidão, algumas distinções pela tradução do *Orlando Furioso*, no-

meadamente o Prêmio Jabuti (em que tive a honra de concorrer com Haroldo de Campos) e, mais tarde, uma bolsa da Fundação Vitae.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

É um dos privilegiados, pois as línguas são afins.

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

O tradutor brasileiro tem o privilégio de conseguir viver o correlato na cultura brasileira, porque hoje, com as investigações e os estudos que os estudiosos da literatura brasileira já fizeram, é muito grande o campo da teoria e da prática tradutória.

**Roberta Barni:**

Ainda há muito a ser traduzido do italiano. Um dos grandes problemas, em minha opinião, é a falta de uma linha editorial clara, específica. Nunca houve de fato uma editora com um projeto editorial abrangente no que tange à tradução de literatura italiana. Há iniciativas isoladas, em geral centradas em torno de um autor, e algumas raras exceções. Além disso, quando se fala em tradução literária tendemos a pensar apenas em literatura, mas na verdade deveríamos pensar em termos de tradução editorial. Há inúmeros pensadores italianos absolutamente desconhecidos, ou alguns traduzidos isoladamente, cuja divulgação e distribuição carece de visibilidade. Poesia, então, nem pensar! Mas isso é problema comum para todas as línguas, creio.

Apesar disso, se observarmos a questão do ponto de vista do tradutor, bem, o tradutor literário, no Brasil, ele ainda é refém de uma questão cultural bem abrangente, que passa pela questão da “fidelidade-transparência-invisibilidade” que é um caminho perverso e extremamente prejudicial, que visa a (ou resulta em, o que dá no mesmo) não reconhecer o cunho autoral que a tradução, por definição, carrega em si. Não atribuir essa função autoral ao tradutor (no bem e no mal, evidentemente) tem, entre os diversos desdobramentos, o resultado de uma remuneração bastante baixa. O que acaba significando que um tradutor literário, que faz um trabalho difícil e especializado, é muito mal remunerado: uma lauda de tradução literária, ainda que, por assim dizer, ‘bem paga’ custa muito, mas muito menos, por exemplo, do que uma lauda de tradução técnica que, além do mais, é de tamanho menor. Isso significa que dificilmente



um tradutor poderá viver apenas de tradução literária. Ou seja, esse fator dificulta a profissionalização. Além disso, o mercado editorial tende a remunerar a tradução baseado na visão (equivocada) que tem da dificuldade específica que cada língua oferece, independentemente da dificuldade proposta pelo texto em si. O que, no caso do italiano, não deixa de ser reflexo da já mencionada “relação afetiva” do brasileiro (ou do paulistano) com a língua italiana.

***Haroldo de Campos considera o poeta maranhense Manuel Odorico Mendes como um marco na história da tradução criativa no Brasil, porque, ao traduzir a Odisséia, optou por se distanciar de aspectos como reverência e passividade, afirmando que: “Se vertêssemos servilmente as repetições de Homero, deixaria a obra de ser aprazível como a dele, a pior das infidelidades”. Em sua experiência como tradutor, poderia citar um exemplo, em que, conscientemente, abriu mão da fidelidade ao original, para se tornar, numa atitude criativa, mais acessível e aprazível ao leitor?***

**Maurício Santana Dias:**

A gente está sempre contrariando a “fidelidade ao original”, porque o resultado é necessariamente um texto em outra língua, com outra sonoridade, outro contexto cultural, outra história. Como ser este outro e, ainda assim, continuar sendo o mesmo? Esse é o xis da questão tradutória. E o tradutor tem de ter consciência desse paradoxo na hora em que está trabalhando. Ou seja: ao traduzir, nunca somos “fiéis ao original”, embora sem dúvida, haja graus de maior ou menor criação sobre o texto fonte. E é na poesia, por suas especificidades formais, que esse grau mais se dilata.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Concordo com as palavras citadas, justamente porque creio que nunca se pode abrir mão da fidelidade ao original. Fazê-lo seria, a meu ver, desrespeitar e não auxiliar o leitor. Tradução criativa, para mim, só pode ser a que procura criar soluções sempre fiéis ao original, justamente para o conservarem “aprazível”. Mas, a esta altura, o que me parece necessário é ter clareza sobre o que se entende por fidelidade. Muitos continuam a identificar fidelidade

com o apego à chamada literalidade. Ora, no caso da tradução literária, e principalmente da tradução poética, restringir-se à chamada literalidade não é ser fiel. Pelo contrário: é ser infiel, é desfigurar a beleza da obra original. É cair no “servilismo” de que falava Odorico.

Para percebê-lo, basta imaginar o caso da tradução literal intralinguística. Pensemos, por exemplo, num famoso soneto de Camões, o que começa “Sete anos de pastor Jacó servia/ Labão pai de Raquel, serrana bela”. Digamos que numa operação tradutória intralinguística, alguém transpusesse esses versos mais ou menos assim: “Durante sete anos Jacó trabalhava / para Labão, pai de Raquel, camponesa bonita”.

Ora, essa pretensa fidelidade à letra não passa de infidelidade grave à poesia de Camões, que, como se sabe, alcança resultados magníficos justamente ao escolher como forma métrica o soneto. É a destruição da forma em nome do “servilismo” à letra. E sabemos que a forma, em poesia, não é embalagem descartável. Como bem lembrava Maria Corti, “in poesia forma é conteúdo”.

Por outras palavras, a fidelidade do tradutor de poesia não pode limitar-se ao que Umberto Eco chama de *contenuto parafrasabile* (ou seja, aquilo que se pode parafrasear e prosificar), mas tem de estar atenta ao que me permito chamar, aproveitando o mote, de “conteúdo não parafraseável” (ou seja, tudo aquilo que se perde numa paráfrase em prosa: métrica, ritmo, rimas, sonoridade, alusividade, conotações...).

Vamos a outro exemplo, desta vez um exemplo de tradução interlinguística em que posso falar do que procurei fazer. O *Orlando Furioso*, de Ariosto, começa com estes versos famosos:

*Le donne, i cavalier, l'arme, gli amori,  
Le cortesie, le audaci imprese io canto.*

Alguém que fizesse confusão entre fidelidade e literalidade, poderia pensar que tradução fiel seria esta:

“As mulheres, os cavaleiros, as armas, os amores,  
As cortesias, as audazes empresas eu canto”.

Entendo que estaria enganado quem pensasse assim. Essa me parece uma tradução inteiramente infiel, uma tradução “servil”, como dizia Odorico. Basta dizer (para não alongar esta análise), que é uma tradução que destrói o verso de Ariosto. Ou seja, impede ao leitor o acesso a um dos mais belos resultados da arte do poeta: a construção dos versos que compõem sua estrofe, merecidamente chamada de *ottava d’oro*. Tira ao poema original um dos principais elementos que o tornam “aprazível”.

Assim, foi tentando manter fidelidade ao verso de Ariosto e à sua “oitava de ouro” que propus esta tradução:

“Damas e paladins, armas e amores,  
As cortesias e as façanhas canto”.

Espero, com essa solução, ter sido mais fiel ao original que se tivesse optado pela chamada literalidade. Espero também ter passado ao leitor brasileiro de hoje ao menos um grão da beleza, do caráter “aprazível” dos versos de Ariosto.

#### **Aurora Fornoni Bernardini:**

Pasternak traduzindo Shakespeare. Ezra Pound traduzindo Cavalcanti. Reverência não é passividade. Nem fidelidade é literalidade. Eu, ao traduzir poesia, procuro o equivalente do ritmo, o equivalente da rima e o equivalente do léxico, nessa ordem.

#### **Vilma de Katinszky Barreto de Souza:**

A minha experiência é muito pobre porque ainda não consegui “me desencantar” com os autores que tenho traduzido. Entretanto, percebo que algo já fiz com os autores modernos, sem trair o seu “clássico”. Leopardi, por exemplo, foi a maior ousadia que tive ao sentir e expressar mais o meu sentimento sobre a sua prosa incomparável.

#### **Roberta Barni:**

Não penso em facilitar o trabalho do leitor. Não pisco para o leitor, a não ser que o autor o tenha feito. Mas há trabalhos que exigem mais fantasia criativa que outros. Agora, acho lamentável quando a fidelidade é citada (e como a citam!) como um dever do tradutor. Certa vez, escrevi no prefácio de uma tradução, com

TRADTERM, **15**, 2009, p. 197-219

ironia, que seria impossível me ater ao velho e esperado clichê da fidelidade, e que, afinal de contas, por ser mulher, mais fáceis seriam os trocadilhos com o famoso chavão: tradução é como mulher, ou é bela ou é fiel... Pois é. A segunda parte desse axioma é a “transparência”. Ora! Fidelidade a quê? E o que seria, nesse ambiente, a transparência? Em tradução, a fidelidade, a meu ver, não passa de um mito, mito de algum conforto, isso pode ser. Mas ela não existe. Eu tento ser coerente com a minha leitura da obra, que será sempre e inevitavelmente parcial. Isso é *conditio sine qua non*. Então a minha fidelidade, na hora de traduzir, é com a minha responsabilidade pelo ato tradutório, nada mais. Poderia optar por uma tradução que tende a levar o autor à linguagem do leitor, ou, ao contrário, por uma tradução que tende a levar o leitor à linguagem do autor (a *domesticação* ou a *estrangeirização*, para usarmos dois termos caros à teoria tradutória atual); mas não há novidade nisso, essa questão já está presente nas epístolas de São Jerônimo. Ora, tanto a primeira quanto a segunda postura requerem atitude criativa. A atitude criativa é o pão do tradutor. Sem ela, não há como traduzir. Podemos falar de criação mais ou menos bem sucedida. Isso sim. De resto, como dizia José Paulo Paes, “se tradutor e autor fossem a mesma pessoa teriam a mesma língua, o mesmo nome e o mesmo cachorro... e ia ser uma mesmice muito maçante (risos)”. Algumas soluções são mais satisfatórias, outras nem tanto. Mas em minha opinião opor a atitude criativa à suposta ‘fidelidade’ é falacioso. Há obras que solicitam maior intervenção, outras menos. Em minha experiência particular, me ocorre um livro como *Retábulo*, de Vincenzo Consolo, por exemplo, que exigiu enorme intervenção criativa. *Centúria*, de Giorgio Manganelli, também.

***Em sua opinião, até que ponto traduzir pode significar “liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação” (W. Benjamin)?***

**Maurício Santana Dias:**

A tradução é sempre um movimento de expansão e, nesse sentido, de liberação. Multiplicamos os pães e os oferecemos a quem antes não podia experimentá-los. É verdade que esses pães, às

vezes, resultam intragáveis... Benjamin pensava na tradução como uma possibilidade de redenção da língua decaída e via na tarefa do tradutor essa tentativa de recuperar a língua primeira. É uma bela imagem, mas não podemos tomá-la ao pé da letra.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

É uma imagem que me parece muito ambígua. De qualquer forma, a escassa difusão de uma língua (caso do italiano, no Brasil de hoje) constitui, se não um cativo, uma limitação, contra a qual o tradutor se põe em luta.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

Melhor: desvendar (na tradução) aquela língua (original e pura) de que o original é portador hermético.

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Para mim - estranho a palavra “cativo”! - a recriação se constitui de várias partes ou “momentos”: o impacto das leituras (em geral três) iniciais, a aproximação ou a descoberta do texto, dos “afagos” sobre ele e, finalmente, a expressão, o modo e até o “ser” do autor. Só então me sinto encorajada a pôr no papel algumas correspondências que tive a alegria de encontrar.

**Roberta Barni:**

Acho que já respondi indiretamente a essa pergunta. Paradoxalmente, ao aumentarmos a consciência de estranheza do leitor com relação ao texto, estaremos aumentando sua compreensão. Benjamin também dizia que toda tradução é apenas um modo, ainda que provisório, de fazer as contas com as estranhezas das línguas...

***Há textos mais ou menos traduzíveis?***

**Maurício Santana Dias:**

Recentemente, quando estava traduzindo os contos de Primo Levi, topei com um dos pontos cegos da tradução: o palíndromo. O personagem de Levi tinha o hábito de criar palíndromos, e esses palíndromos tinham uma função dentro do contexto do conto, não poderiam ser substituídos por palíndromos já existentes na

língua portuguesa. Nesse caso, tive de recorrer às notas de rodapé, para que o leitor brasileiro pudesse, pelo menos, ter uma noção do que se passava.

Citei uma situação em que a tradução não foi possível. Mas há, sim, textos que apresentam maior ou menor dificuldade para o tradutor.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Volto à minha experiência, muito restrita. Se considerarmos que traduzir é somente transpor o *contenuto parafrasabile*, diremos que os textos serão tanto menos traduzíveis quanto mais formalizados. E diremos que o texto mais traduzível é o mais informe, ou seja, o mais carente do que chamei de “conteúdo não parafraseável”. Mas, se assim for, os textos mais traduzíveis serão talvez os de menor interesse para o bom tradutor.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

Sim, claro.

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Penso que não há “textos intraduzíveis” por que a criação pode transformar-se em “recriação”. E o que parece “não parecer nada” sempre guarda em si um tesouro que senão eu, algum poeta tradutor poderá encontrá-lo, e eu me sentirei feliz com a sorte ou a competência desse felizardo.

**Roberta Barni:**

A tradução, e não apenas a tradução de poesia, é uma das atividades mais complexas do espírito humano. Apel diz que, ao traduzir, é necessário satisfazer tantas condições (frequentemente em contradição recíproca) que, no decorrer da história desse ‘embate’ tradutório, não raro as armas foram depositadas para afirmar que a tradução é, de fato, uma operação impossível. Pois bem. Eu penso que temos de partir do princípio de que toda tradução é impossível, pois é natural que as línguas, que se formam em paisagens diferentes e com base em experiências diferentes, sejam incongruentes. Mas então acontece o milagre. Porque, como afirmava Ortega y Gasset, somos homens, e como homens somos constantemente atraídos rumo à nossa própria superação; vai daí

que o homem sempre irá tentar a tradução, “pois uma de suas vocações é a de transformar o impossível em possível”. Então, mãos à obra. Tudo é impossível de ser traduzido, mas tudo é traduzível dentro dessa perspectiva. Há, como disse, traduções mais ou menos trabalhosas, há resultados de maior ou menor êxito...

***Há escritores que creem ser fundamental a colaboração do autor com o tradutor. Como você concebe a relação autor-tradutor-editor?***

**Maurício Santana Dias:**

Traduzi poucos autores vivos e, mesmo com esses, não mantive correspondência. Mas há casos em que o diálogo entre autor e tradutor foi fundamental. Só para citar um exemplo famoso, lembro as cartas trocadas entre Guimarães Rosa e seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri. Mas essa é uma exceção. A regra é o trabalho solitário. Depois vem a relação com editor e sua equipe de trabalho, que lerá o texto traduzido e fará eventuais sugestões. Esse diálogo tem que ser produtivo e respeitoso, mas a palavra final deve ficar com o tradutor, que deverá ter autocrítica suficiente para saber acatar ou rejeitar as alterações propostas.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Tenho traduzido quase somente clássicos, o que me obriga a encontrar a *intentio auctoris* na *intentio operis*, para retomar a terminologia de Eco. Há no Brasil grandes editores e tenho tido a sorte de encontrar alguns deles. Por outro lado, há também no Brasil imensa dificuldade para o tradutor em conseguir que lhe retribuam, ainda que modestamente, o trabalho, mesmo o que chega a alcançar reconhecimento. A queixa é comum entre nossos tradutores. É claro que haverá muitas exceções a essa regra, e é possível que o panorama esteja mudando para melhor. Diga quem souber.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

Relação autor-tradutor é bom para esclarecer dúvidas. Só. Agora, cada editor é um caso à parte. Mas ao tradutor deve ser dado crédito de confiança e liberdade. Se ele precisar da opinião de seus pares, nada impede que a peça. Mas deve partir do tradutor.

TRADTERM, **15**, 2009, p. 197-219

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Sem ser fundamental, acho útil tal colaboração, haja vista a “simbiose” de Guimarães Rosa e seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. Ela foi decisiva para a tradução do Grande Sertão Veredas, pelo que nos conta Bizzarri no livro, em 2ª edição, *Correspondência com o tradutor italiano*, São Paulo: I.C.I.B.

Além da troca de experiências, pode-se criar uma grande amizade entre o autor, o tradutor e o editor, que se tornará um atento leitor.

**Roberta Barni:**

Certa vez, numa dessas listas de discussão de tradutores, li a mensagem de uma tradutora literária italiana, afirmando, categoricamente, que o melhor autor a ser traduzido é o autor morto. Não me reconheci naquilo e imaginei por que trauma inenarrável ela havia de ter passado... Talvez por ter começado a traduzir com um autor mais que difícil e já morto, não criei esse hábito de diálogo ‘real’ com o autor que traduzo. Sempre procuro resolver as questões problemáticas por minha conta, deixando para recorrer ao autor, caso seja possível, depois de ter esgotado minhas possibilidades. Devo dizer, no entanto, que dentre as poucas vezes que acabei me dirigindo ao autor, algumas foram deliciosas. Vincenzo Consolo, por exemplo, foi uma surpresa extremamente agradável, guardo até hoje uma carta dele tirando algumas dúvidas minhas — também pudera, era dialeto siciliano, e arcaico! Nos últimos anos, tenho tido uma colaboração intensa com um autor italiano (de ensaios) que traduzo; a tradução encetou uma troca de ideias constante e, sem dúvida, tem sido uma experiência enriquecedora, tanto que passamos a colaborar em pesquisas.

Do ponto de vista exclusivamente tradutório, no entanto, em minha experiência, a troca mais esclarecedora se dá ao trabalhar diversos textos de um mesmo autor. Aconteceu-me, felizmente, com vários autores, e com isso se chega a um ponto em que o trabalho passa a fluir de outra maneira.

Já a relação concreta do tradutor com a editora é mais intensa e necessariamente, porque toda a fase seguinte à da tradução é um trabalho de equipe e, se não for entendido assim, inevitavelmente surgirão problemas.



***Hoje, há várias editoras optando por inserir o nome do tradutor nas capas dos livros que publicam. Há quem critique tal posicionamento, tendo em vista que o destaque que se estaria dando ao tradutor, poderia lhe conferir o status de co-autor. Qual sua opinião a respeito?***

**Maurício Santana Dias:**

Não acho que o tradutor seja um co-autor. Ele é tradutor, e basta. Ou pelo menos deveria bastar. O problema é que o trabalho da tradução sempre foi visto como um ofício menor, subalterno, e isso felizmente está mudando. Edições mais antigas nem sequer indicavam o nome do tradutor. Isso hoje seria inconcebível. Quanto a pôr o nome do tradutor na capa ou na quarta-capa, acho que é um bom serviço que as editoras prestam a seus possíveis leitores.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Creio que ninguém duvida que o nome de Eça de Queirós deve estar na capa de sua tradução das *Minas de Salomão*, de Haggard, ou que o nome de Odorico Mendes deve estar na capa de sua tradução de Homero. Mas alguém poderia objetar que o que vale para Eça e Odorico não vale, necessariamente, para qualquer tradutor, em qualquer caso. Uma vez mais, creio que é arriscado generalizar.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

O tradutor é responsável por uma obra, quase quanto o autor. Ele é co-autor. Por sinal, a lei Weffort, 1998, interpretou assim a questão.

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Concordo com a crítica feita às editoras, porque o tradutor já “recriou” a obra e basta que o seu nome já venha na primeira página. O ideal seria que, ao ler nessa página, reconhecêssemos um “transcriador” – o que está longe, porque me parece utópico.

**Roberta Barni:**

Curioso é saber que há quem critique isso e justamente com tais argumentos. Acho que já respondi a essa sua pergunta. Não

há tradutor que não seja autor de sua tradução, quer ele saiba ou não disso, quer nossa cultura queira ou não reconhecer isso.

Tenho traduções literárias publicadas com meu nome na capa, outras sem meu nome na capa. Do ponto de vista autoral, o trabalho é o mesmo. Do ponto de vista pessoal, me deixa mais satisfeita ver meu nome ali, pois vejo isso como um reconhecimento do meu trabalho, do trabalho do tradutor. Mas minha impressão é de que ter ou não o nome na capa, muitas vezes, depende mais do projeto gráfico daquela coleção específica do que do reconhecimento de um caráter autoral da tradução.

Imagine quantos autores todos nós só conhecemos mediante tradução! E por que haveríamos de negar isso? Todas as tradições literárias, sem exceção, são compostas por uma boa porcentagem de tradução. Então é bom que saibamos – e acho que isso já acontece – quem é o autor da tradução. Aliás, de um ponto de vista comercial, tenho a impressão que o nome do tradutor na capa tende simplesmente a dar um ‘aval’ ao trabalho de tradução como ‘trabalho confiável’. Ora, se é preciso ou interessante dar esse aval, deve ser por algum motivo, não é?

Agora, pior que isso, permita-me levantar outra questão, é o fato de algumas publicações omitirem programaticamente o nome do tradutor ao resenhar livros traduzidos. Por vezes, essas publicações chegam a citar trechos da tradução sem dizer nem sequer *en passant* que o livro é uma tradução, que dirá mencionar nome e sobrenome do tradutor! Curioso, não? Serão esses mesmos senhores os que criticam quando o nome do tradutor figura na capa?

***Nelson Rodrigues dizia que a tradução de Molière feita por Millôr Fernandes era melhor que o original. Em sua opinião, que obra traduzida da Literatura Italiana para o Português poderia ter tal excelência na arte de traduzir, a ponto de quase superar o original?***

**Maurício Santana Dias:**

Nelson Rodrigues gostava muito de lançar frases de efeito, de *épater le bourgeois*. Dizer que uma tradução é melhor que o original é algo que não faz muito sentido, simplesmente porque a questão não se coloca. Não há termo possível de comparação, porque estamos

lidando com textos, épocas e culturas diferentes. Seria mais ou menos o mesmo que afirmar que o cachorro é melhor do que o gato.

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Nesses termos, não me atrevo a fazer juízo. Mas se tivesse de apontar uma obra traduzida do italiano que, em português, conserva notável valor literário, lembro o *Paraíso dos Contemplativos*, de Bartolomeo da Salutio, na clássica tradução do Padre Manuel Bernardes.

**Aurora Fornoni Bernardini:**

Seria pretensão e imodéstia achar que é *O Nome da Rosa*?

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Até hoje, não ousaria citar outra, como a que fez o genial Millôr Fernandes traduzindo Mollière, mas a tradução completa do “Orlando Furioso”, feita por Pedro Garcez Ghirardi, se não for melhor, é tão boa quanto a obra do famoso Ludovico Ariosto.

**Roberta Barni:**

Sinceramente, não conheço nada assim do italiano para o português. Resta saber se Nelson Rodrigues falava isso a sério ou com ironia... Na Itália, por exemplo, é famoso o caso de uma tradução do *Moby Dick* de Melville feita por Cesare Pavese. Dizem que ‘seu’ livro é melhor que o de Melville... Resta saber se de fato, como dizem, por ser ele próprio escritor, Pavese se sentiu mais à vontade para, digamos, intervir ‘excessivamente’ no texto. Seria preciso realizar um cotejo atento. É fato que uma grande editora italiana, por exemplo, tem uma coleção denominada “escritores traduzidos por escritores”, e que isso tende a dar um maior ‘aval’ de qualidade à tradução; o que, no entanto, não necessariamente corresponde à verdade.

**Prof. Maurício: Pirandello, Cesare Pavese, Primo Levi, Giuseppe Berto, qual desses autores foi, digamos, mais “traduzível”? Dentre as inúmeras obras que vem traduzindo, qual delas você elegeria como uma de suas prediletas, na arte da tradução?**

**Maurício Santana Dias:**

É difícil apontar um autor que tenha sido mais “traduzível”. Em cada um deles, e em cada um dos textos que eles escreveram, há momentos de maior clareza ou de maior obscuridade, passagens em que a tradução se retesa ou se distende, trava ou corre. Isso é uma das coisas que aprendemos com o tempo.

**Prof. Ghirardi: Como se deve traduzir um texto clássico? Que tipo de desafios você teve que enfrentar ao traduzir “Orlando, o furioso”?**

**Pedro Garcez Ghirardi:**

Quanto aos desafios de traduzir o *Orlando Furioso*, peço licença para me reportar ao que ficou dito. Quanto a conselhos gerais, não creio que os possa dar. Mas uma recomendação que faria ao futuro tradutor brasileiro de clássicos italianos é que se tornasse leitor assíduo dos clássicos brasileiros e portugueses.

**Profª. Aurora: Com sua experiência de tradução de “O Deserto dos Tártaros”, é possível dizer que o “absurdo”, atribuído à ficção de Dino Buzzati, representa um complicador? De que maneira a especificidade das temáticas de um romancista se reflete nos desafios da Tradução?**

**Aurora Fornoni Bernardini:**

Quanto mais sutil o original, mais satisfeito é o tradutor. O absurdo de Dino Buzzati é uma característica essencial do seu *Deserto*.

Quanto ao estilo, mais do que propriamente à temática, tenho a dizer que é importante fazer experiências, provas, tentativas. O tradutor (como o autor) pode encontrar mais afinidades com certo tipo de estilo. Ser mais feliz num gênero do que em outro.

**Profª Vilma: Você traduziu muitas obras importantes da Literatura e da Arte Italiana, tais como “Os Opúsculos Morais” de Giacomo Leopardi, os três volumes da “História da**

***Arte Italiana” de Giulio Cesare Argan, além de estar trabalhando, no momento, com a tradução de “A Ciência Nova” do grande filósofo GianBattista Vico. Que peculiaridades específicas à tradução literária, ensaística e filosófica você apontaria?***

**Vilma De Katinszky Barreto de Souza:**

Além de algumas traduções de autores modernos (C. Pavese, M. Canevacci, Bizzarri e Pirandello) posso reproduzir aqui mais um ideal de vida:

“Traduzir é, afinal, um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação e... afinal um ato de amor, pois trata-se de se transferir, por inteiro, numa outra personalidade” - J. Guimarães Rosa (op. já citada anteriormente).

Como peculiaridades: “estar em Leopardi”, transformar, com fidelidade, em estilo, a beleza e o sofrimento da alma de um gênio; tentar expressar, em Português, uma linguagem de alto nível clássico e moderno do séc.XIX; o grande amor de senti-lo “por dentro”; conviver com ele durante um ano de trabalho penoso.

Sobre Giulio C. Argan – a sua linguagem técnica, a sua crítica de uma obra de arte plástica, o elenco e a classificação daquele monumento das belas artes italianas; o encantamento profundo de um arquiteto que transforma em palavras poéticas o mundo de imagens, matizando-as com as luzes e as cores, fazendo-o viver de novo “sobre o papel”.

Os cinco livros de G. Vico já estão no prelo, mas ainda não os considero acabados, porque a poesia neles contida, ainda ressoa em mim, conjugada à extraordinária força de uma reflexão filosófica e filológica que Vico, o primeiro fundador da história primeira da barbárie humana até a idade do pensamento reflexivo, conseguiu transformar num “serioso poema”.

***Profª. Roberta Barni: Entre as tantas obras que você traduziu constam, por exemplo, “A trilha dos ninhos de aranha” de Italo Calvino e “Oceano mar” do contemporâneo Alessandro Baricco. Poderia comentar como foi traduzi-los?***

**Roberta Barni:**

Os autores italianos contemporâneos não apresentam dificuldades, por assim dizer, comuns. Ao menos, não na minha experiência. Cada autor é um universo diferente. A tradução de cada um deles tem seu prazer e sua dificuldade. Estou, precisamente agora, terminando minha terceira tradução de Baricco; apesar disso, ainda não consegui me sentir mais confortável. Alessandro Baricco é um autor um pós-moderno, escreve diversos livros dentro de um mesmo livro, usa diversos estilos ao longo do mesmo romance, ele ousa, experimenta, exagera, se retrai, volta, alude, remete. É extremamente ligado ao atual, ao nascente, mas também à tradição literária, e não somente à italiana. Nesse território de idas e vindas, não raro contrastantes, eu já me movo com mais desenvoltura do que de início. Mas uma coisa nele para mim foi extremamente difícil. É uma peculiaridade desse autor, e me refiro à violência que habita, por vezes, suas páginas. Baricco sonda a fundo a essência humana e não receia tocar com mente e mãos uma crueza arcana da qual tenho dificuldade de me aproximar. É uma questão de alma, de psicologia, creio. Mas como disse, eu acolho o autor que traduzo. Naquela ocasião, me senti sem espaço para abrigar tamanha crueza, tamanha fúria. Em um livro dele especificamente, lembro-me, tive de me afastar e voltar e afastar-me novamente antes de conseguir traduzir um dos capítulos que tinha essa característica, e que ocupava 1/3 do livro! Só que... – e esse é sem dúvida o outro lado da moeda – no mesmo livro, ele atingia também extrema delicadeza. Tamanha era a suavidade que ele incutiu especialmente numa personagem, que todas as páginas que lhe diziam respeito ecoavam sussurros...

Bem, esse tipo de dificuldade, acredite, torna insignificantes as dificuldades de ordem prática que podem surgir ao longo do caminho, como o penúltimo livro dele, por exemplo, em que havia o tempo todo referências ao universo dos filmes de banguê-bangue, das artes plásticas, do boxe e do futebol: os dois últimos, absolutos desconhecidos para mim. Ali foi pura diversão, tentar conhecer um pouco mais desses esportes e de sua terminologia, envolver amigos mais, digamos, experientes, pôr à prova minha capacidade de pesquisadora...

**Referências bibliográficas:**

- BENJAMIN, W. (2001) *A tarefa do tradutor*. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, W. *Clássicos da teoria da tradução. Antologia bilíngüe: alemão-português*. Florianópolis: NUT/UFSC, pp. 188-215.
- CALVINO, I. (2002) *Tradurre è Il vero modo di leggere un testo. Mondo scritto e mondo non scritto*. Milano: Mondadori.
- CAMPOS, H. (1981) Transluciferação mefistofáustica. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, pp.179-209.
- CANDIDO, A. (1989) Literatura e subdesenvolvimento. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2ª ed., pp.140-162.